

Doadora de sangue

Fora uma dona de casa pacata e exemplar. Casada por 20 anos com o mesmo marido levava uma vidinha feliz e dedicada ao marido e aos filhos. Os dois filhos já estavam na universidade e só lhe davam alegrias. O marido trabalhava demais e, algumas vezes, era obrigado a ficar no trabalho até mais tarde. Quando alguma reunião o retinha no escritório, ele, sempre muito correto, ligava e avisava a mulher que chegaria mais tarde e que o celular ficaria no modo silencioso. Ela dava aulas de artesanato na igreja como voluntária e, com a venda dos produtos de sua arte, ajudava no orçamento familiar. Aos domingos, o casal ia ao culto, ajudava nas festas da igreja e eram amigos do pastor. Pagavam o dízimo e não negavam ajuda a ninguém.

Ambos eram doadores de sangue e tentaram convencer os filhos a doar também. Foi quando descobriram que o filho mais velho era gay e que gay não podia doar sangue. O marido ficou muito triste, pois nunca passou por sua cabeça que teria um filho gay. Conversaram com o pastor que lhes assegurou que havia cura para o rapaz. Ela até insistiu com o filho para ir ao culto e tentar a cura gay, mas ele retrucava que ser gay não era doença e que, se fosse, também não tinha problema, pois estava feliz em ser quem ele era.

Foi um sofrimento intenso para ambos, especialmente, para o marido que ficou muito envergonhado e com medo das críticas da família e dos colegas de trabalho. Com o tempo se acostumaram, mas faziam o possível para esconder a identidade sexual do filho.

Depois da última doação de sangue, ela recebeu uma carta com o resultado de seus exames. Estava com AIDS. Não sabia como contar para o marido, pois nunca tinha se relacionado com outro homem depois de casada. Lembrou-se dos namoros antigos e de quantas vezes fez sexo sem camisinha. Não sabia qual era a dor maior: a doença, a culpa por não ter usado camisinha, ou o medo de ter contaminado o marido. Pensou até em suicídio, mas como não tinha ainda desenvolvido os sintomas, ficou calada e não contou ao parceiro. Como a vida sexual do casal era quase inexistente, evitar intimidades com o marido para não contaminá-lo não foi nada difícil.

E continuaram na rotina de sempre. Se o marido a chamava para irem doar sangue, ela fingia que estava gripada ou dava outra desculpa. Às vezes, falava que já tinha ido. Ele parou de falar nisso e a vida continuou no seu ritmo de sempre. Até que um dia, o marido começou a perder peso e a ter infecções recorrentes. Teve uma pneumonia e precisou ser internado. O que ela temera se confirmou. O marido estava com AIDS e faleceu sem que ela pudesse lhe pedir perdão.

Ao se desfazer dos pertences do marido, descobriu uma coleção de revistas pornográficas voltadas para o universo gay. Confidenciou para o pastor o que tinha descoberto e ele ficou muito incomodado e perguntou pelo celular do marido. Ela explicou que não tinha aberto, até aquele momento, porque não tinha a senha. Ele se ofereceu para tentar desbloquear o aparelho

Assim que voltou para casa, pediu ao filho do vizinho para tentar desbloquear o celular e ele conseguiu. Estavam ali fotos e conversas íntimas.

Ela nunca mais voltou ao templo. Resolveu não contar para os filhos. Como ele pode ter doado sangue por tanto tempo? Por que impediam o filho gay, que tomava todos os cuidados para se proteger, de doar sangue?

Guardou os 2 segredos: o marido era gay e ela estava com AIDS.